

FRAGMENTOS DE MANGA COM LEITE

Texto coletivo de autoria Cia. Teatro de Garagem

PERSONAGENS

Brás Cubas

Hipopótamo

Pandora

Lucas

Enfermeira Consolação

Nicolau Sétimo Andar

Leonardo

Dr. Leopoldo

Dr. Laércio

Louco de estimação

Contador de histórias

Pai

Filho

Vermes

Coveiro Belmiro

Coveiro Vicente

Viúva

Flausina

Guia

Condenadores

Condenados

Prólogo

Brás Cubas – Que me conste, ainda ninguém relatou o seu próprio delírio; faço eu, e a ciência me agradecerá. Se o presente espectador não é dado à contemplação destes fenômenos mentais, pode pular esta cena e entrar na nossa sala de espera. Mas, por menos curioso que seja, sempre lhe digo que é interessante saber o que se passou na minha cabeça durante uns vinte a trinta minutos. (risada irônica) Vou acompanhar vocês durante este espetáculo, mas antes, vou contar pra vocês sobre o delírio que tive antes de morrer. Pra isso, peço que entrem na cena Fulano de tal (aparece um ator) que fará o papel do hipopótamo e a Fulana de tal (aparece uma atriz) que fará o papel da Natureza ou Pandora. Estão prontos? Vamos começar.

CENA 1-O Delírio

Brás Cubas – Está me parecendo uma viagem sem destino.

Hipopótamo – Engana-se, nós vamos a origem dos séculos.

Brás Cubas – Onde estamos?

Hipopótamo – Já passamos o Éden.

(sonorização: tempestade de neve) (aparição de Pandora)

Brás Cubas – Quem é você? Como se chama?

Pandora – Meu nome é Natureza ou Pandora; sou tua mãe e tua inimiga.

(Brás Cubas toma susto e se afasta)

(Pandora solta uma gargalhada)

Pandora – Não te assustes, minha inimizade não mata; é sobretudo pela vida que se afirma. Vives: não quero outro flagelo.

Brás Cubas – Vivo?

Pandora – Sim, verme, tu vives. Agora mesmo em seu momento de delírio, vives; e se a tua consciência reouver um instante de sagacidade, tu dirás que queres viver.

(momento de contemplação, Brás Cubas vê o rosto de Pandora)

Pandora – Entendeste-me?

Brás Cubas – Não, nem quero entender-te; tu és absurda, tu és uma fábula.

Pandora – Sou Natureza.

Brás Cubas - A natureza que eu conheço é só mãe e não inimiga; não faz da vida um flagelo, nem como tu, traz esse rosto indiferente, como o sepulcro. E por que Pandora?

Pandora – Porque levo na minha bolsa os bens e os males, e o maior de todos, a esperança, consolação dos homens. Tremes?

Brás Cubas – Sim, o teu olhar fascina-me.

Pandora – Creio; eu não sou somente a vida; sou também a morte, e tu estás prestes a devolver-

me o que te emprestei.

Brás Cubas – Por favor, me dê mais alguns anos.

Pandora – Pobre minuto! Para que queres tu mais alguns instantes de vida? Para devorar e ser devorado depois? Não estas farto do espetáculo e da luta? Que mais queres tu, sublime idiota?

Brás Cubas – Viver somente, não te peço mais nada. Quem me pôs no coração este amor da vida, se não tu? E se eu amo a vida, por que golpeia a ti mesma, matando-me?

Pandora – Porque já não preciso de ti. Não importa ao tempo o minuto que passa, mas o minuto que vem. O minuto que vem é forte, supõe trazer em si a eternidade, e traz a morte, e perece como o outro, mas o tempo subsiste. Egoísmo, dizes tu? Sim, egoísmo, não tenho outra lei. Egoísmo, conservação. A onça mata o novilho porque o raciocínio da onça é que ela deve viver, e se o novilho e tenro tanto melhor: eis o estatuto universal.

(Pandora arrebatava Brás Cubas ao alto de uma montanha)

(Sonorização da visão de Brás Cubas: redução dos séculos, um desfilar de todos eles, condensação viva de todos os tempos)

CENA 2 – CONSULTÓRIO DO DR. LEOPOLDO

Brás Cubas – Por favor, senhores, me acompanhem até a sala de espera do consultório do Dr. Leopoldo. É por aqui. Fiquem à vontade.

(Lucas Gog está na sala de espera com um gravador na mão gravando suas idéias sobre mecânica quântica)

Lucas – Oh sólido brilhante... dotado de brilho próprio... condutor de calor e eletricidade... agora que conheço a verdade, e por isto sou perseguido, sou capaz de sentir, todas estas partículas chocando-se contra meu rosto. Oh partícula eterna... formadora de todas as coisas... és indestrutível... és milagrosa... enfim eu te descobri...

Enfermeira – Lucas, vá para o seu quarto.

Lucas – Mas na verdade descobri muito mais do que isto... eu, Lucas Gog... descobri a partícula constante e imutável ... a partícula que dá origem a tudo... formadora de todo o universo!!! E a está partícula batizei com seu próprio nome... DEUS!!!

Enfermeira – Lucas, vá para o seu quarto agora!

Lucas – A farsa acabou meu amigo, agora te encontrei... você realmente nos criou... ou melhor... nos aglomerou... não porque nos ame... mas simplesmente, porque enquanto vivos, somos teu alimento. Você se alimenta do nosso sangue como uma praga maldita.

Enfermeira – Agora chega Lucas! Perdi minha paciência, eu não sou obrigada a ouvir suas idéias malucas. (pega Lucas pelo braço e o tira da sala)

Brás Cubas - Todos estes personagens que dividem a sala de espera com os senhores possuem uma história de vida e morte pra contar. Não sei se até o final do espetáculo saberão as histórias de todos, mas, fica o convite para você contar a sua.

(a enfermeira volta com uma prancheta na mão)

Brás Cubas - Por eu já estar morto, somente vocês, público, é quem pode me ver e ouvir. Esta é a enfermeira Consolação, é ela que está com lista dos pacientes que serão atendidos hoje. Boa sorte a todos! Veremos-nos em breve.

(Brás cubas sai de cena, a enfermeira olha a lista de pacientes e chama pelo nome)

Enfermeira- Sr. Nicolau Sétimo Andar, está aqui?

Nicolau – Sim, sou eu.

Enfermeira – Por favor, me acompanhe.

(Leonardo, outro paciente, dá um salto da cadeira e agarra a enfermeira)

Leonardo – Por favor, não me deixe aqui fora sozinho... não me deixe!

Enfermeira – Calma rapaz! Você está me esmagando!

Leonardo – Mamãezinha eu não quero ficar só!

Enfermeira – Me solte! Socorro Dr. Leopoldo este louco grudou em mim!

Leonardo – Mãe não me deixe nascer! Eu tenho medo de morrer!

(aparece Dr. Leopoldo com seu louco de estimação)

Enfermeira – Pelo amor de Deus doutor, desgruda este louco de mim!

(Leonardo assume o Narrador)

Leonardo – Havia uma guerra silenciosa em minha mente. Mas Dr. Leopoldo, psicanalista, ajudou-me a emergir. Por favor, acompanhem-me. (enquanto o público o acompanha, continua a narração). Para o doutor eu sou um objeto de estudos e através do meu caso ele pode aprender pontos importantes para a sua evolução profissional. Para mim ele foi um grande amigo que me ajudou a encontrar pontos fundamentais para a minha sobrevivência. (nos corredores do consultório encontram com o psiquiatra Laércio) Como vai Dr. Laércio?

Dr. Laércio – Eu admiro muito os loucos. Afinal eles fizeram de mim um homem rico. É como aquela velha piada... “Você sabe qual é a diferença do neurótico, do psicótico e do psiquiatra??? O neurótico constrói castelos imaginários, o psicótico mora neles e o psiquiatra cobra aluguel! Hahahahaha (sai de cena)

Leonardo – Só tem louco neste lugar. Pronto, chegamos, podem se acomodar. Deitarei aqui no divã para a minha consulta. Como vocês podem ver, Dr. Leopoldo possui um pequeno louco de estimação, um doente mental amestrado. Não precisam ficar com medo, ele só ataca se você relar no Dr.

(início da consulta)

Leonardo – Dr. Leopoldo será mesmo que eu sou louco? O que é ser louco?

Dr. Leopoldo – “Um louco é também um homem a quem a sociedade não quis ouvir e a quem quis impedir a expressão de insuportáveis verdades”- Antonin Artaud. A única coisa que nos torna diferente, é que eu possuo a chave do portão do hospital. (mostra a chave)

(Leonardo usando a faixa do curativo da mão ataca o doutor enforcando-o)

Dr. Leopoldo – Não permita... que eu morra... no teu... pensar...

(o louco de estimação entra em pânico) (blecaute) (morte do doutor)

Leonardo – Agora a única coisa que nos torna diferente, é que eu estou vivo e você, doutor, está morto. Vamos, tenho a chave do portão, vocês estão livres.

Lucas – Vocês não me pegarão! Mesmo que me peguem tenho tudo gravado nesta fita. Todas as provas. Venham comigo, chegou a hora de todos saberem quem é este a quem todos chamam de pai. Se Deus é pai, eu quero minha mãe!

(engole a fita e morre sufocado)

Enfermeira – A ambulância até que veio rápido. Lucas estava sufocado. Morreu a caminho do hospital... Pouco antes de morrer, seus olhos moviam-se num frenesi. Como se Lucas visse algo... talvez um sonho... um delírio... Lucas disse algumas palavras ininteligíveis, depois morreu. Lucas morreu com tudo isso entalado na garganta. (sai de cena) (aparece Brás cubas)

Brás Cubas – O inferno é um líquido tóxico, que fica alojado numa pequenina bolsa, em nosso cérebro. Após um profundo, porém instantâneo julgamento, se o veredicto for culpado, este líquido será lançado no sistema nervoso central. O efeito real é de apenas alguns segundos. Mas para o réu, a sensação alucinatória será como um tormento eterno.

(Desconstrução do cenário, som alucinatório e início das partituras dos atores encenando suas mortes)

CENA 3 - CONTADOR DE HISTÓRIAS

Narrador (narra o texto, enquanto atores fazem a sequência de movimentos da morte): No princípio era nada. Nada havia por fazer. Os deuses estavam entediados, e tédio divino é coisa séria. Algum vazio no mundo de lá, vira alguma vontade, alguma vontade se torna alguma idéia, e alguma idéia, uma criação no mundo de cá.

Foi um desses desvarios , uma dessas extravagâncias divinas, que às vezes se tornam coisas bonitas, lindas criações, às vezes, descuidados, deixam escapar alguma desgraça. Vai saber...

Decidiram juntar algumas gentes, diferentes todas entre si, e entre si tiveram desfecho todo diferente. O comum era que todas tiveram suas existências na terra apagadas e agora estavam perambulando entre um mundo e outro, aguardando, quem sabe, a sentença que destinaria suas eternidades.

Os deuses inventaram um inusitado: “um de vocês não vai morrer!” Como?, todos os mortos perguntaram. Afinal todos ali tinham uma só certeza: estavam mortos. “Essa é somente uma dentre as infinitas mortes que hão por aí” – brincavam os deuses, confundindo-os mais ainda. “Mas um de vocês terá devolvida a vida. Vai voltar e viver mais um pouco”.

Instalaram a competição. Todos deveriam fazer uma encenação de suas mortes. Eles deveriam criar uma cena de teatro que narrasse como foi vivida a morte de cada um. Aquele que fizesse a melhor cena, seria agraciado com o retorno à experiência angustiante de viver. Esse era o jogo, a disputa.

Os falecidos todos se animaram. Aqueles pobres coitados, perdidos nesse outromundo de meu deus, ficaram todos cheios de ânimo e vida para ganhar a disputa. Passaram a criar suas peças, suas cenas. Cada um escrevia seu roteiro, ou criava seu cenário, ou fazia seu figurino. Cada um de uma forma, cada um do seu jeito. Eram dramas, comédias, tragédias, óperas. Eram mimicos, clowns, galãs. Eram peças infantis, musicais, peças obscenas, mambembes. Virou muita coisa.

Ficaram muito tempo nessa tarefa. Toda uma vida. Alguns até se esqueceram da motivação inicial que os levou a criar seus teatros. O que deveriam mesmo representar? Os deuses, que até então não tinham um consenso sobre o porquê da proposta, sabiam agora menos ainda, tão entretidos que estavam vendo aquela belíssima confusão dos ensaios.

É uma fábula. Lenda dessas que contam por aí. Este é um contador de histórias, não sabe ser outra coisa, mesmo tendo sido tantas coisas na vida. A arte de narrar nasceu do medo de morrer. Está lá, em mil e uma noites. Cada noite, Sherazade trocava uma história por um novo dia de vida. E, ao contar histórias, mantinha-se viva, assim como mantinha vivas as histórias que dela saíam.

CENA 4 – MORTE DO TEATRO

Pai – (andando pela rua com o filho, apontando para o palco onde está o pano com os vermes escondidos): Aqui filho tinha peças de teatro. Você sabe o que é um peça de teatro?

Filho- A gente estudou isso na aula de história, mas eu nunca vi teatro na vida.

Pai- Então filho, nesse palco contavam histórias sobre a vida. História das guerras, dos amores. Era como jogo de futebol: lotava e tudo mundo saía comentando depois.

Filho- E por que acabou pai?

Pai- Porque todos os artistas tiveram que ir trabalhar na TV, no cinema. Quem resistiu , foi obrigado a mudar de profissão.

Filho- E se lotava igual futebol, o povo não podia deixar acabar né pai. Imagina se fecharem os estádios, o povo sai nas ruas não é?!

(congela os dois).

Vermes:

Vocês nasceram franzinos,

pequenos e nus também;

sobreviveram, mofinos,

graças à ajuda de alguém.

Ilustres desconhecidos,

ninguém, de fato, os chamou;

não foram bem acolhidos,

mas alguém os ajudou.

O mundo é frio, é imundo,

mas, sob uma crosta dura,

vocês amaram o mundo, ao irem pra sepultura.

Pai- (descongela os dois , risadas) – Na verdade não lotava igual futebol meu filho. Os ingressos custavam os olhos da cara e só gente bacana podia entrar. Mas logo ergueram uma igreja no lugar e ninguém sentiu falta. O teatro morreu como ilustre desconhecido. (saem de cena).

CENA 5-COVEIROS

(Dois coveiros empurram o caixão. Uma mulher acompanha chorando. Som de marcação com a alfaia. Ao chegarem no local do enterro os dois coveiros se afastam e o foco vai para os coveiros)

Belmiro- Ô, Vicentão, faz tempo que o você é coveiro, faz?

Vicente- Ihhh rapai, faz tempo hein. Mas já trabalhei de tudo, né? Trabalho é trabalho. A diferença é que nós, como coveiro, tamo trabalhando com a sensibilidade das pessoa também, né? Com gente que tá chorando, tá passando um momento difícil.

Belmiro- É difícil, é, verdade mêmu.

Vicente- Você num acha não?

Belmiro- Ô se acho, mas eu procuro num se entregar né, porque se eu for chorar nos sepultamento tudo, eu num vou vencer mais, num é mêmo?

Vicente- Mas você reparou que só tem a tal da muié lá velando o morto?

Belmiro – É, pelo jeito o defunto num era muito chegado do pessoal daqui.

Vicente- Pelo meno ela, parece que gostava bastante dele. Será que é mãe?

Belmiro: Será ? Acho que é muito nova pra mãe. Deve ser muié.

Vicente- Ou amante. Sempre diverge os psicológico das familia nessas hora, né? Tem uns que proíbe as amante de ir no enterro. Esse daí, largaro foi pra ela enterrar sozinha.

Belmiro- Mas rapaiz, largaro pra ela enterra sozinha, né? (o outro o olha reprovando, continua) Mas, falando em defunto, ouvi dizer que tem uma tal d'uma cidade do interior que num teve nenhuma morte onti. Fizeram até uma festa pra comemorar, saiu no jornal e tudo, rapai. Onde já se viu, um dia interim, interim, e ninguém morreu. É a primeira vez...

Vicente- Mas o tanto que nasce também todo dia num é pouco não, viu. Num sei o que é mais esquisito, um dia sem morte ou um dia sem vida. Nós tamo tudo ino e vino, chegano e partino mêmo. A diferença é que essa vida anda tão besta que nós morre e nasce muito mais. (*Pensando*) Cada vez mais né?

Belmiro- É... Mai morrê, morre todo mundo, né? É o processo natural. Nasceu vai morrer mêmo. Nasceu, quando viu, mor - reu. Daí o negócio é por, ou na gaveta, ou na terra, quando tem terra.

Vicente – O diferente é a religião. Crente faz dum jeito, católico faz d'otro. Tem sempre uma missa, um culto, as palavra.

Belmiro: Verdade rapai! Isso tem mêmo. Tem crente que canta hino, fala da vida, os católico traz uma liturgia né, joga água no túmulo lá, pra santificá a sepultura. Japonês bota fruta. Mas num tem muita coisa assim né, pra fazer. No fim é encaçapar na gaveta ou meter no buraco e mandar terra pá riba.

Vicente – Respeito, rapaiz.

(a mulher canta)

Belmiro: Ôxi, esse hino aí é novo hein. Da onde será que é essa muié aí?

Vicente: Do Japão num é.

Belmiro: Por que?

Vicente: Num tem fruta.

Belmiro: Ah, só tá faltando o defunto levantar e dançar um tango com ela.

(interrompendo)

Vicente: Já faz tempo que ela tá ali...

Belmiro: É. Tá na hora da gente fazer nosso serviço duma vez né? Vamo sepultar o morto!

(Os coveiros se aproximam do morto e da mulher)

Vicente: Meus pesâmes senhora! Mas a gente precisa fazer nosso trabalho.

(Os coveiros começam a sepultar o morto e quando fecham a caixa a mulher desespera-se)

Mulher: Que vocês fizeram com ele.

Belmiro: Nada. Tamo fazendo nosso trabalho.

Mulher: Eu quero ele de volta.

Vicente: Mas minha senhora, tá fechando o cemitério. Nós num pode deixar o falecido aí.

Belmiro: E já tá dando o horário do meu ônibus, por que eu, dona, preciso descansar que eu trabalho de segunda à segunda das 8h às 18h, e eu tenho um monte de boca viva pra alimentar, viu!

Mulher : Vocês não podem separar ele de mim. Tira ele daí agora!!

Vicente: Mas minha senhora, ele tá morto.

Mulher: Deixa ele sair daí.

Belmiro: Mas ele precisa ser enterrado. Tá até vinu um vudum desgraçado desse caixão já minha senhora. Nem as margarida tão segurando mais a carniça. Tão até murchando já...

Mulher: Ele não merece isso!

Vicente: A senhora tá doida? Tá variando? A gente num tem culpa!

Mulher: Tira ele daí ! Seu sujo!

Belmiro: Escuta aqui minha senhora, não é só porque eu trabalho com terra que eu sou sujo não!

Mulher: Não quero saber, quero ele de volta.

(Ela cai em cima do túmulo. Os coveiros saem de lado e conversam)

Vicente: E agora? A mulher tá louca? Acho que ela num vai sair dali não hein...

Belmiro: Vixe, mais nem que a pega! Pelo jeito não vai ser a morte que vai separar os dois.

Vicente: Sabe o que eu tava pensando agorinha mesmo?

Belmiro: O quê? (cochicham) Pera lá.... (saindo, o outro o segue) Ô minha senhora, quer saber?

(tiram o corpo da caixa)

Vicente: Só não pode sujar para gente, ok?

Belmiro: Ô, Vicentão, vamo indo então? (cochichando) Doidinha rapá...

Vicente: Vamo! A senhora então, seja discreta, tá certo?

Belmiro: Isso senhora. E mais uma coisa: num me faz fuzuê pra sair com o finado daqui, hein.

Vicente (*virando pro outro*): Parece que tem gente que num entende que a hora da morte é na hora do óbito, não no enterro.

Belmiro: Se entendesse num ficava beijando defunto, conversando com ele no sepultamento. Cada doido.

Vicente: Ó o respeito, rapai.

(Os dois coveiros saem de cena, fica só a mulher e o defunto. Eles dançam. Música. Blecaute - Fim da cena.)

de cena, fica só a mulher e o defunto. Eles dançam. Música. Blecaute - Fim da cena.)

CENA 6- ATO DOS ESPECTROS: A DANÇA DA MORTE

(Durante a narração, os personagens saem do coro e “encenam”, com partituras mesmo, como numa coreografia, a narrativa)

O Narrador (do lado oposto ao bloco) - OS MORTOS!

Na ambígua intimidade que nos concedem, podemos andar nus diante de seus retratos. Não reprovam nem sorriem, como se neles a nudez fosse maior.

O Coro – (cantado) - Silêncio! Vigilância e prudência em primeiro lugar! Esta que dança e que avança é a dança da morte!

O Primeiro Espectro (Flausina) – Má gente, de má paz; deles quero distantes léguas. Mesmo dos meus filhos, os três.

O Coro - (cantado) - Silêncio! Vigilância e prudência em primeiro lugar! Esta que dança e que avança é a dança da morte!

O Narrador – (apresentando a cena) Ato dos Espectros: A Dança da Morte.

O Primeiro Espectro (Flausina) – Eu era menina, me via vestida de flores. Só que o que mais cedo reponta é a pobreza. Me valia ter pai e mãe, sendo órfã de dinheiro? Mocinha fiquei, sem da inocência me destruir, tirava junto cantigas de roda e modinhas de sentimento. Eu queria me chamar Maria Miss, reprovando meu nome, de Flausina. Linda eu era até a remirar minha cara na gamela dos porcos, na lavagem. E veio aquele, Lopes, chapéu grandão, aba desabada. Nenhum presta, mas esse, Zé, o pior, rompente sedutor. Me olhava: aí eu espiada e enxergada, no ter de me estremecer

O Coro – O espectro se ergue... Ao longe, na noite densa, sobem os gritos de angústia daqueles que tem os dentes esmagados.

O Primeiro Espectro (Flausina) – A cavalo ele passava, por frente de casa. Esses Lopes, raça, vieram de outra ribeira, tudo adquiriam ou tomavam; não fosse Deus, e até hoje mandavam aqui, donos. A gente tem é de ser miúda, mansa, feito botão de flor. Pai e mãe não deram para punir por mim.

O Coro - O ontem deles, o teu amanhã.

O Primeiro Espectro (Flausina) – Nem cortesias nem igreja! O homem me pegou, com quentes mãos e curtos braços, me levou para uma casa, para a cama dele. Calei muitos prantos, aguentei aquele caso corporal. Eu ficava espremida mais pequena, na parede minha unha riscava rezas, o querer outras larguras. Tracei as letras, carecia de bem ler e escrever. Isso principiei – minha ajuda em jornais de embrulhar e com as crianças da escola.

O Coro – E dê cá dinheiro!

O Primeiro Espectro (Flausina) – O que podendo, dele tudo eu pra mim regravava. Fazia portar escrituras. Sem acautelar, ele me enriquecia. O que me fizeram esses Lopes tange as canduras de noiva, pega feito doença, para a gente em espírito se traspassa. Tão certo é isto como eu hoje estou o que nunca fui.

O Coro – A assassina!

Narrador - Começou com um falso alegado. Disse querer que lhe cedesse vezes carnais um outro,

Lopes igual, que da vida logo desapareceu em sistema de não-se-sabe.

Espectro (Flausina) – Dito: meio se escuta, dobro se entende. Virei cria de cobra. Na cachaça, botava sementes da cabaceira-preta, dosezinhas; no café, cipó timbó e saia-branca. Só para arrefecer aquela desatada vontade, nem confirmo que seja crime.

O Narrador – Com o tingui-capeta, um homem se esmera, abranda. Estava já amarelinho, feito ovo que ema acabou de pôr. Sem muito custo, morreu.

Espectro (Flausina) - Minha vida foi muito fatal. Varri casa, joguei o cisco para a rua depois do enterro. E os Lopes me davam sossego? Dois deles, tesos, me requerendo, o primo e o irmão do falecido. Mexi em vão por me soltar dessas minhas pintadas feras. Nicão, um, mau, me deu prazo.

Um espectro (se destacando do coro) – Depois da missa de mês, me espera...

Espectro (Flausina) – Mas o Sertório, senhor, o outro, ouro e punhal na mão. Inda antes do sétimo dia já entrava por mim a dentro em casa.

(Dois espectros se destacam) – Uma segunda Flausina - Padeci com jeito.

O Coro – Esta que avança é a dança da morte.

Espectro (Flausina) – Anos, que me foram, de gentil sujeição, custoso que nem guardar chuva em cabaça, picar fininho a couve.

Narrador – Os dois tendo ciúme, tinham de ter, tiveram sua autorização. Nicão a casa rodeava.... Ao Sertório, deste mesmo dois filhos?

O Coro – Jogas o jogo da morte.

Espectro (Flausina) – Ri muito útil ultimamente.

Narrador – Se enfrentaram, bom contra bom, seus relâmpagos, a tiros e ferros. Nicão morreu sem demora. O Sertório durou uns dias.

Espectro (Flausina) – Inconsolável chorei, conforme os costumes certos. Mas um, mais, porém, ainda me sobrou. Sorocabano Lopes, velhoco, o das fortes propriedades. Me viu e me botou na cabeça. Aceitei de boa graça. Ele era o aflitinho dos consolos. Mas impondo:

Um espectro destacando-se do coro (outra flausina) – De hoje por diante, só muito casada!

Espectro (Flausina) – Ele, por fervor, concordou. Com o que, para homem nessa idade inferior, é abotoar botão na casa errada.

O Coro – Esta que avança é a dança da morte.

Narrador – Entanto que enfim, agora, se viu desferrada. O povo ruim terminou. Seus filhos, Lopes, também, proveu de dinheiro para longe dali viajarem gado.

Espectro (Flausina) – Deixo as intrigas com o novo amor que achei. Duvido, discordo de quem não goste. Amo, mesmo. Que podia ser mãe dele, menos me falem. E lá sou de me constar em folhinhas e datas? Quero o bom bocado que não fiz. Quero gente sensível. Lopes, não! Desses me arrenego.

Narrador – virando-se para ela – Entretanto você não sabe o que faz aqui...

Espectro (Flausina) – Que quer dizer?

Um espectro se destaca do coro e a agarra pelas costas.

O coro – (cantando, indo ao encontro deles e os engolindo)

Esta que dança e avança é a dança da morte.

CENA 7 - RITUAL DAS CONDENAÇÕES

(O guia diz esse texto conduzindo o público pelo corredor da morte e levando-o para o lugar da cena).

Guia - O homem, em seu estado de natureza, quero dizer, o homem livre é absolutamente perverso. O homem-animal, que não é capaz de conter seus instintos, naturalmente selvagem, não concebe outra situação que não seja a guerra eterna, aguerre de todos contra todos... Não há exceções, a única exceção, esta em dever obediência ao Ser Supremo, que estando acima das vontades das bestas-feras mundanas, consegue guiar a humanidade através dos caminhos da racionalidade e da justiça, levando à paz eterna. Para isso criamos o Estado... que estando acima de todos os homens, lhe cabe o poder de decisão de vida e de morte.

(Termina o texto e entra na formação. Os atores estão formando uma fileira com bastões na mão. Destaca-se o narrador apresentador)

Narrador apresentador – Toda ação tem a sua consequência. A idéia de que colhemos os frutos daquilo que nós mesmo plantamos é, além de um princípio bíblico, bastante coerente. Os atores, por exemplo, quando fazem uma apresentação que o público aprecia, recebe aplausos. Por outro lado, se eu fosse um ladrão, e roubasse sua bolsa ou sua carteira (*aponta para o público*) eu não mereceria admiração. Alguém aqui me aplaudiria? Ao contrário, eu deveria ser punido! As sociedades vêm, ao longo da história, aperfeiçoando os sistemas de leis, de maneira a melhor castigar as infrações cometidas por criminosos. As sentenças são equivalentes aos crimes cometidos. Alguns delitos merecem castigos leves. Outros crimes maiores, terríveis, merecem o devido castigo: sentenças do tamanho de seus crimes.

(termina o texto, toma o cabo de vassoura de alguém e começa a formação. Os atores fazem uma "coreografia" ao som de uma percussão e possivelmente acompanham o som com o bastão. A idéia da cena é um ritual sobre a condenação).

(o primeiro narrador se destaca da formação)

Narrador 1 – Primeira condenação! 2006.

Está do lado do mal. Ele consiste em grande ameaça não somente para nossa sociedade mas para o mundo. Sua obras resultaram em grande temor ao matar indiscriminadamente civis inocentes. Quer, juntamente com seu grupo, impor um estado de medo, utilizando das estratégias mais covardes. É um inimigo dos valores democráticos tão caros à sociedade ocidental e inimigo também da paz, sonho buscado pela nossa sociedade. Pelos crimes de terrorismo praticados, sua sentença: morte!

(estas falas são dos atores que estão na formação. Eles intercalam a fala com o texto do narrador):

- o que ele fez?
- Que horror!
- Merece ser castigado!
- *Que sirva se exemplo!*

(Terminada a narração, os atores formam uma fotografia de uma Cadeira elétrica, utilizando os bastões. Quando formam, para a música e o condenado 1 fala o texto):

Condenado 1 - *Não existe paz sem justiça. Nem poderá existir democracia se ainda houver desigualdade.*

(desmonta a imagem e volta para a formação. As demais condenações seguem da mesma forma, utiliando dessa mesma estrutura. Muda os textos, e as fotografias)

Narrador 2 – Segunda condenação! 1969.

O país deve se preparar para o enfrentamento da ‘guerra subversiva’, uma modalidade de luta em que o inimigo não veste farda nem ocupa abertamente o campo de batalha. Os inimigos, comunistas, anarquistas, agitadores de alta periculosidade, fortemente marcados pelo esquerdismo, infiltrados por toda parte. Presentes nos movimentos populares, nas associações de massa, na imprensa, nas universidades objetivam desviar a sociedade brasileira na direção da consolidação dos valores consagrados pela herança ocidental. a luta contra a subversão é incansável e sem quartel. Pelos crimes de suversão à ordem social, sua sentença: morte!

Fotografia - Fuzilamento

Condenado 2 - *Quando me vestiram de lama e sangue, quando pretenderam me marcar com o estigma da infâmia, quando pretenderam enterrar na maldição minha memória e meu nome. Para que jamais se soubesse da verdade deste gesto, da grandeza desta saga, do humanismo que comanda esta vida e esta morte. Escreveram a história pelo avesso para que ninguém percebesse que eu eu era vozeiro de reivindicações e não de pragas, que eu era poeta do povo e não algoz. Me retiro da maldição e do silêncio e aqui escrevo meu nome.*

narrador 3 – Terceira condenação! 1895.

Sobre todos os crimes e pecados, bem parece ser o mais torpe, sujo e desonesto o pecado de Sodomia, e não é achado um outro tão aborrecido ante a Deus e o mundo, pois por ele não somente é feita ofensa ao Criador da natureza, mais ainda se pode dizer, que toda a natureza criada, e que todos os homens, são por ele grandemente ofendidos. Este indizível e detestável vício é a causa de uma série de desgraças: da guerra à peste, do ódio dos inimigos à rebelião e ás desordens civis, ela incorpora os males de um mundo imperfeito. Pelos crimes de somodia, sua sentença: pena de morte!

Fotografia - Guilhotina

Condenado 3 - *Para todos os amantes, esse extraordinário amor será um exemplo para todo o mundo. Eu me fortaleço contra a minha opressão e devo esconder dos homens o que há em meu coração, para que não digam que é uma doença ou loucura. Esse amor, que não ousa dizer seu nome, sempre conheceu a punção e a vergonha. Soube ser inconfessável, seu desejo, o que faz para toda a criatura a maior doçura da vida.*

narrador 4 – Quarta condenação! 1591.

Quando uma mulher pensa sozinha, ela pensa maldades. Não reconhece seu lugar de mulher na ordem natural das coisas, nas sagradas instituições do Criador da Natureza. Pelo contrário, ousa aventurar-se em ciências obscuras, e conhecimentos malignos sobre ervas e poções de magia e defendem proposições heréticas, a serviço de Satã. Sucessora direta do pecado original, e responsável pela queda do homem, tem convívio com o demônio que a domina através do corpo, ensinando-lhe todos os males, embebedos pelo prazer carnal. Por meio de seus atos abomináveis castiga o mundo com pestes, terremotos, estragos nas colheitas, paixões desordenadas. Pelos crimes de bruxaria, a sentença: morte!

Fotografia - Fogueira

Condenado - *Fala a tua palavra! A mulher é a que escuta, dizes. Sim, somos as que escutamos, porque escutamos a voz de um grito interno, profundo, das coisas, das nuances, das dores escondidas. Escutamos porque não podíamos falar. E talvez fosse opção, o silêncio à irracionalidade do verbo no masculino. Hoje, essas feridas ainda sangram, pois a violência, física ou simbólica, ainda se abate sobre nós. Eu sou aquela mulher que fez a escalada da montanha da vida, removendo pedras e plantando flores.*

Narrador 5 – Quinta condenação! 1500.

Essa gente não tem lei, nem fé, nem rei, não obedece a ninguém, cada um é senhor de si mesmo. Vive segunda a natureza e não conhece a imortalidade da alma. São cães em se comerem e matarem. Os animais racionais desta terra andam nus sem coisa alguma que lhes cubra suas vergonhas. À falta de creem em Deus, cultuam o sol, a terra, estrelas, espíritos e outros demônios disfarçados de deuses. Andam encarniçados na luxúria, no pecado nefando, se enroscam mutuamente em público, indiscriminadamente. Os selvagens que resistem a se venderem como escravos, e resistem a acolher-se à bandeira de Cristo, a esses gentios: a morte!

Os últimos condenados serão os índios, no caso todos os atores em cena. Ele fala o texto justificando o extermínio dos índios e utiliza seu bastão como a arma de fogo.

A cena para neste momento e todos cantam uma música indígena, e assim todos saem de cena.